

## Letramento e Extensão: Vivências

Katia Silva Vaes<sup>1</sup>

Alexandra Santos Pinheiro<sup>2</sup>

### RESUMO:

A função do ensino da língua materna é muito mais ampla do que se pratica em sala de aula, tanto que os resultados das pesquisas feitas pelos organismos internacionais demonstram que os supostos escolarizados do Brasil não entendem o que lêem. A necessidade de se pensar a prática a partir da teoria do letramento surgiu quando o número de analfabetos diminuiu e o maior problema passou a ser o fato de que, para os dias atuais, não bastava estar alfabetizado. Existem pessoas que passaram pela escola, aprenderam técnicas de decifração do código escrito e são capazes de ler palavras e textos simples, curtos, mas não são capazes de se valer da língua escrita em situações sociais que requerem habilidades mais complexas. Para dar qualidade às práticas de alfabetização e de letramento dos alunos, é preciso que a qualidade de tais práticas dos professores também seja reestruturada, como falantes, leitores e usuários da língua-escrita. Para que isso ocorra, faz-se necessário uma formação contínua dos docentes, para que a democratização do letramento seja alcançada. Partindo desse pressuposto, e analisando como pode ser positiva a proposta que o letramento oferece, serão apresentados os resultados obtidos na Escola Municipal Maria da Rosa Antunes da Silveira Câmara, decorrente da ação do projeto “Formação Continuada de Professores: Caminhos para o Letramento”, aprovado pelo edital do MEC em 2009-2010. Essa ação extensiva mostrou-se adequada e interessante ao público-alvo, por ser um projeto que procurou contemplar o Letramento, a partir do que foi sugerido por Vóvio (2007), em dois aspectos: partindo do escolar (já contemplado nas escolas), para o letramento social e, mais especificamente, práticas valorizadas de leitura e de escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento, Projeto e Sala de aula.

### ABSTRACT:

The role of mother tongue teaching is much broader than that practiced in the classroom, so that the results of research done by international agencies show that the supposed educated in Brazil do not understand what they read. The need to think about the practice from the theory of literacy has emerged as the number of illiterates has decreased and the biggest problem became the fact that for the present, not enough to be literate. There are people who went through school, learned techniques to decipher the written code and are able to read words and simple texts, short, but are not able to take advantage of written language in social situations that require more complex skills. To provide quality literacy practices and literacy of students, it is necessary that the quality of such practices of teachers is also restructured, as speakers, readers and users of language-writing. For this to occur, it is necessary ongoing training of teachers, the democratization of literacy is achieved. Based on this assumption, and considering how the proposal can be positive that literacy offers, will present the results obtained at the Municipal School of Rosa Maria

---

<sup>1</sup> Acadêmica do último ano do curso de Letras na Universidade Federal da Grande Dourados-Mato Grosso do Sul, Brasil. Bolsista do projeto de extensão: Ações de Letramento em escolas públicas.

<sup>2</sup> Professora Adjunta na Universidade Federal da Grande Dourados-Mato Grosso do Sul, Brasil. Coordenadora do projeto de extensão: Ações de Letramento em escolas públicas

Antunes da Silveira House, a consequence of action project "Continuing Education of Teachers: Pathways to Literacy" notice approved by the MEC in 2009-2010. This extensive action proved to be appropriate and interesting to the audience, because it is a project that sought to include the Literacy, from what was suggested by Vóvio (2007), in two aspects: starting from the school (already covered at school), for social literacy and, more specifically, valued practices of reading and writing.

**KEYWORDS:** Literacy, Design and the Classroom.

## INTRODUÇÃO

A escrita e a leitura, consideradas formas de comunicação, expressão e conhecimento, contribuem para que os indivíduos se integrem na vida social e profissional. Isso ocorre porque o ato de produzir e ler textos (carta, propaganda, receita, manual de instrução...) é uma necessidade que está em constante ascensão na sociedade. O contexto escolar se apropria de toda essa diversidade textual para ensinar o aluno, que já tem certa familiaridade com esses gêneros. Mas, nem sempre, consegue aliar com integralidade e dinamismo essa necessidade, exigida no plano de aula, com o conhecimento que o aluno já possui. A proposta do letramento sugere dar qualidade às práticas de alfabetização e de letramento dos alunos, cumprindo o que é previsto em planos pedagógicos a partir de situações reais.

A palavra letramento ainda não tem seu conceito inserido no dicionário, por ter surgido há pouco tempo na língua portuguesa. Segundo Soares (1998), sua primeira aparição foi, provavelmente, em 1986, no livro *No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística*, de Mary Kato. Para caracterizar esse conceito, Soares (2003) buscou a origem etimológica dessa palavra na língua inglesa, *literacy*, que vem do latim *littera* (letra). Ela esclarece que o sufixo */cy/*, no inglês, denota qualidade, condição, estado, fato de ser. Isso possibilita compreender a tradução de *literacy* para o português como sendo o “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler”.

A necessidade de se pensar a prática a partir da teoria do letramento surgiu quando o número de analfabetos diminuiu. O maior problema passou a ser o fato de que, para os dias atuais, não bastava estar alfabetizado. Alfabetização e letramento estariam ligados à aquisição da leitura e da escrita. Leda Verdiani Tfouni, em *Letramento e alfabetização*, afirma que a alfabetização é mal compreendida.

Há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas

diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude (TFOUNI, 2004, p.104).

Podem-se encontrar pessoas que passaram pela escola, aprenderam técnicas de decifração do código escrito e são capazes de ler palavras e textos simples, curtos, mas não são capazes de se valer da língua escrita em situações sociais que requerem habilidades mais complexas. Essas pessoas são alfabetizadas, mas não são letradas. Para Costa Val (2006), os analfabetos vivem numa sociedade letrada, em que a língua escrita está presente nas atividades diárias. Nesse sentido, os analfabetos, ao terem contato com textos escritos, formularão hipóteses sobre sua utilidade, seu funcionamento, sua configuração. Então, excluir essa convivência da sala de aula, por um lado, pode ter o efeito de reduzir e artificializar o objeto de aprendizagem que é a escrita, possibilitando que os alunos desenvolvam concepções inadequadas e disposições negativas a respeito desse objeto. Partindo desse princípio, Rojo (2009, p.30) afirma que “a escola é a principal agência alfabetizadora e a alfabetização, enquanto processo de ensinar a ler e a escrever, é uma típica prática de letramento escolar”.

Por outro lado, deixar de explorar a relação extra escolar dos alunos com a escrita significa perder oportunidades de conhecer e desenvolver experiências culturais importantes para a plena integração social e o exercício da cidadania. Assim, entende-se que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla, de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento.

Para dar qualidade às práticas de alfabetização e de letramento dos alunos, é preciso que a qualidade de tais práticas dos professores também seja reestruturada, como falantes, leitores e usuários da língua-escrita. Para que isso ocorra, faz-se necessário uma formação contínua dos docentes, para que a democratização do letramento seja alcançada. Em *Letramentos Múltiplos: agentes, práticas, representações* (2008), é abordado o quanto o letramento poderia ser mais eficaz se houvesse uma reestruturação na metodologia aplicada em sala de aula. Para que isso ocorra, as práticas de ensino devem estar “a serviço” do desenvolvimento da leitura e da escrita, preparando os alunos para situações concretas de uso da língua:

É preciso romper com o artificialismo imposto às práticas pedagógicas costumeiramente desenvolvidas nas salas de aula, de modo que (...) os alunos possam dominar práticas de escrita e leitura que lhes sejam úteis ao efetivo exercício de cidadania, permitindo-lhes operar com informações, ao discutirem questões relativas aos complexos movimentos de uma sociedade em mudança (SANTOS *apud*. KLEIMAN, 2008, p. 126).

Santos avalia que um projeto de letramento estruturado adequadamente e bem aplicado, além de expandir as atividades linguístico-discursivas dos alunos, conscientiza-os do importante papel que eles exercem na vida social, permitindo ampliar, dessa forma, as suas possibilidades de participação social. Além disso, por meio de projetos, os professores começam a reavaliar suas concepções do que seria, de fato, um ensino comprometido, tanto com o aprendizado do aluno quanto com as transformações que precisam ocorrer dentro da sociedade.

Diante dessa preocupação, voltada para o ensino brasileiro, é que propomos a ação de um projeto de letramento em uma das instituições educacionais no município de Dourados. A instituição, alvo desse projeto, aprovado pelo edital do MEC em 2009, foi a Escola Municipal Maria da Rosa Antunes da Silveira Câmara, que tem sua sede à Rua Presidente Kennedy, nº 710, vila Industrial, no município de Dourados. Ezequiel Theodoro da Silva reflete sobre o compromisso do professor:

Em que pese a complexidade teórica dos processos de ensinar, aprender e ler, acredito que todas as pessoas já ensinaram e aprenderam muitas coisas no transcurso de suas vidas. E estamos até agora ensinando, aprendendo e lendo. E vamos continuar nesse processo de ensino, aprendizagem e leitura porque o ensinar, o aprender e o ler são os primeiros sustentáculos do processo de conhecer. Assim, o conhecimento, a construção do conhecimento pelo outro que é o aluno, coloca-se como compromisso primeiro de todo professor. (2004; p. 26)

No decorrer das aulas percebemos que os alunos tinham muita dificuldade com a leitura e a escrita, às vezes nem eles mesmos sabiam o que haviam escrito. Além do letramento, trabalhamos com a alfabetização também em alguns casos. Esse processo de ensino e aprendizagem se deu a partir das leituras, da escrita, da reescrita e até mesmo de ditados em sala de aula.

Dessa forma, pudemos contribuir na formação intelectual dos mesmos. Com o propósito de instigá-los a leitura, sempre deixávamos um espaço da aula para a contação de histórias e nas aulas seguintes descobríamos leitores, alunos que gostavam das histórias contadas e que se interessavam pelo próprio livro. Esses momentos foram muito enriquecedores, pois percebíamos que aquele trabalho era válido e tinha retorno.

## **NARRANDO EXPERIÊNCIAS**

A escola Rosa Câmara foi criada pela Deliberação Conselho Estadual n.º. 2105 de 16/12/1998 e pelo Decreto Estadual n.º 3998, de 18 de Fevereiro de 1992, conhecida como Escola Estadual de 1º grau Maria da Rosa Antunes da Silveira Câmara, pelo governador Ramez Tebet e Secretário Estadual de Educação Idenor Machado. Ela foi reconhecida pela Deliberação Conselho Estadual de Educação n.º. 3097 de 21/05/1992 e incorporada ao Decreto Municipal n.º. 393 de 12/08/1999.

Atualmente, a escola atende um total de 699 alunos, oferecendo aos mesmos o Ensino fundamental, que vai do pré-escolar ao 9º ano, sendo dividido da seguinte forma: período matutino- 335 alunos, divididos entre uma sala do pré-escolar e os demais do 6º ao 9º ano; período vespertino- 250 alunos, divididos entre uma sala do pré-escolar e o 5º ano; e período noturno- 94 alunos que frequentam a EJA Com exceção da EJA, são em média 32 alunos por sala. Atende, principalmente, alunos de poder aquisitivo baixo e/ou médio e baixo nível de proficiência de leitura/produção de textos.

Por isso, nossa ação extensiva, acreditamos, mostrou-se adequada e interessante ao público-alvo, por ser um projeto que procura contemplar o Letramento em dois aspectos: partindo do escolar (já contemplado nas escolas), para o letramento social e, mais especificamente, práticas valorizadas de leitura e de escrita (VÓVIO, 2007). Sentimo-nos muito bem recepcionadas pelas coordenadoras da escola, que se mostraram bastante dispostas a oferecerem o suporte necessário para o desenvolvimento do projeto. Elas se preocuparam em adaptar os horários das aulas que tínhamos com os alunos de acordo com a nossa disponibilidade de tempo, até mesmo modificando os horários, caso fosse necessário. A escolha dos alunos para participarem do projeto foi feita por elas, que priorizaram os que apresentavam fraco desempenho nas aulas de Língua Portuguesa. Ao todo, foram selecionados trinta e cinco alunos, do 5º, 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, subdivididos em três turmas, respectivamente. Nas imagens abaixo podemos observar

alguns alunos da turma do 7º ano, fazendo algumas anotações.



A dificuldade que os alunos apresentavam pôde ser percebida já no primeiro dia de aula, no momento em que fizeram a leitura de um texto. A situação, a princípio, se mostrou mais complicada do que estávamos imaginando, mas nada que nos fizesse desistir da tarefa que nos colocamos. Chegamos até a imaginar que aquela aparente dificuldade que presenciávamos pudesse estar relacionada a um acesso mais restrito aos livros. Mas, com o passar dos dias, entendemos que a resistência partia dos próprios alunos em querer ler, e que a professora até os incentivavam a fazer empréstimos na biblioteca. Os “tropeços” que aqueles alunos tinham no momento da leitura nos fizeram pensar ainda mais na necessidade que a sociedade tem do contato com os textos, livros, literatura, enfim, com a cultura. Quando o professor desenvolve o seu trabalho com eficiência, a perspectiva de progressão e inclusão social e cultural do aluno é muito maior, e isso, de certa forma, passou a ser uma responsabilidade nossa também, como estagiárias.

Cosson (2006), ao apresentar sua obra *Letramento Literário – teoria e prática*, busca transmitir aos professores uma maneira de ensinar que seja significativa, com estímulos a uma leitura de qualidade. Para alcançar tal objetivo, o professor não pode ficar estagnado na superficialidade, com práticas que sejam mais fáceis de aplicar, pois isso faz com que a verdadeira essência do letramento se perca no caminho. Infelizmente, essa é uma prática bastante utilizada em nossa sociedade. Preocupados em obter respostas que sejam semelhante a dos livros, ou ainda, concentrados em aplicar testes que dirão se seus alunos estão aptos ou não a passarem de série, os professores acabam deixando de lado o avanço que o aluno teve e em que nível suas interpretações chegaram. Toda essa didática segue o lado oposto dos princípios propostos pelo letramento, que também consegue

avaliar o aluno, mas de uma forma que não o constranja ou crie impedimentos que dificultem seu processo de aprendizagem.

A proposta do projeto “Caminhos para o Letramento”, nesse sentido, surtiu um efeito muito otimista, por ter dado maior liberdade aos alunos de desenvolverem as atividades ministradas em sala de aula, sem precisar pressioná-los, atribuindo uma nota, como é feito nas aulas convencionais. Com isso, os alunos conseguiram ir até muito além do que esperávamos alcançar, com uma melhora significativa nos quesitos leitura, produção de texto, assimilação de conteúdo e, até mesmo, no convívio com os outros colegas em sala de aula. Em vésperas de prova, colocávamo-nos à disposição para ajudá-los, perguntando à professora titular o que estava sendo ensinado por ela, e quais as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos. O *feedback* dos alunos do projeto foi bastante positivo, considerando que as suas notas (que eram baixas) foi, em sua maioria, melhores que as dos demais alunos, que não estavam participando do projeto.

Os materiais doados pelo MEC para o projeto (tesouras, colas, lápis, canetas, borrachas, cartolinas...) nos ajudou a dinamizar a aula, deixando-a mais atrativa para os alunos. Outros instrumentos, levados de nossas casas, também serviram como um incentivo maior para que as aulas fossem mais produtivas. Entre eles podemos destacar: as revistas, de onde foram retiradas imagens de propagandas, para que os alunos pudessem produzir textos, com discursos diretos e indiretos, a partir das figuras recortadas; laptop e projetor multimídia, para que os alunos pudessem assistir algumas propagandas políticas (como do apresentador Tiririca, da mulher pêra, do jogador Marcelinho Carioca, entre outros). O objetivo era prepará-los para a elaboração de suas próprias propagandas, sendo eles os candidatos. Para a atividade, foi preciso dispor de celular, para filmar os alunos em seus discursos políticos; televisor e DVD, para a apresentação de filme; além de xérox de fábulas, poesias, cordel, letra de música, histórias folclóricas, entre outras.

Nas aulas do projeto, as leituras sempre foram acompanhadas de discussões acerca do assunto exposto no texto. Na leitura de *O Homem Nu*, por exemplo, os alunos chegaram à conclusão que a mentira, de fato, “tem pernas curtas”, e que se o personagem principal tivesse falado a verdade desde o começo ele teria evitado tantos problemas. Essa forma de relacionar os usos sociais da escrita às atividades escolares demanda, porém, que professores e estudantes compartilhem alguns pressupostos de base. O primeiro é o abandono da concepção de que a análise dos elementos linguísticos em suas classificações fonológica, morfológica e sintática, por si, pode dar suficientes subsídios para que uma

pessoa desenvolva proficiência nos usos que da linguagem faz ao ler, escrever e falar, nas diferentes situações de comunicação em que se envolve ao longo da vida.

É preciso levar em consideração, também, fatores como o contexto histórico, que solicita dos leitores e dos usuários da escrita um saber ler e um saber escrever específico: ao seu tempo, lugar e às múltiplas situações de comunicação associadas ao letramento. Assim, cada escola precisa estar suficientemente aberta e flexível às mutações do mundo social e cultural, bem como aos desafios, demandas, possibilidades e contradições da vida atual. O objetivo dessa adaptação é atender as necessidades da realidade social contemporânea, as mudanças no mundo do trabalho e os novos apelos culturais, que geram demandas e conhecimentos específicos no uso da leitura e da escrita destinados aos usos da linguagem. Essa preparação que o aluno recebe, possibilita a aquisição de conjunto de competências, conhecimentos, e atitudes, diferenciados das práticas que estão fora da escola, capaz de modificar uma pessoa não só linguisticamente, mas social, cultural e cognitivamente. É uma maneira de ensinar mais significativa, com estímulos a uma leitura de qualidade, que vai além da simples decodificação dos textos, proporcionando uma maior criticidade e capacidade aos alunos de dialogar no tempo e no espaço com sua cultura.

No que se refere aos estudos do letramento, a continuidade entre as práticas orais e as práticas letradas é de grande importância de acordo com Kleiman (2002). A ênfase para o ensino desloca-se para a conscientização e controle do processo de representação da fala que acompanha toda prática de uso da língua escrita, que faz parte do processo de letramento. Essa aprendizagem é o distanciamento do oral, o que implica, por sua vez, uma nova abordagem para o ensino, que não acaba com os erros, devido às interferências da oralidade. E isso faz com que a interferência da oralidade nos textos escritos produzidos pelos principiantes deixe de ser relevante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como os alunos inseridos no projeto estavam com muitas dificuldades, tanto relacionadas à leitura quanto à produção de textos, o tempo acabou não sendo suficiente para sanar todas as dúvidas que eles tinham, típicas de seus níveis de escolaridade. Mas isso já era de se esperar, já que nem mesmo os professores titulares, que empreendem um tempo maior em sala de aula, conseguem atingir esse objetivo. Apesar disso, o resultado

foi bastante positivo, já que alguns problemas, como a gagueira no momento da leitura e os erros de pontuação, diminuíram consideravelmente, o que nos dá a sensação de dever, basicamente, cumprido.

Percebemos que a formação que o aluno recebe na escola ainda está muito aquém do objetivo almejado, e que é necessário que professores tenham uma formação contínua para que a democratização do letramento seja alcançada. O professor, mediador dessa relação, deve estar sempre atualizando os seus conhecimentos e aderindo às novas propostas de ensino, como a que o letramento sugere, de articular o conhecimento já adquirido. Para isso, o ensino não deve estar pautado apenas em um suporte como o livro didático, que deveria ser só mais uma ferramenta entre tantas outras disponíveis, mas trabalhar um sistema linguístico dialógico, que possibilite ao aluno a capacidade de construir e fazer relações entre as várias redes de conhecimentos que os enreda. É preciso que o professor consiga aliar aprendizados, experiências, paciência (muita paciência) e perseverança, já que alguns alunos já estarão julgados por outros professores como “um caso perdido”.

Esperamos no momento em que formos lecionar, mesmo com toda a dificuldade que a escola ou os alunos venham apresentar, possamos ter o desejo de formar cidadãos críticos, conscientes, competentes, cooperativos, solidários, autoconfiantes, capazes de inovar, agir e transformar o contexto social no qual estão inseridos. E, queiramos oferecer um ensino de qualidade, independente de a instituição ser pública ou privada, cumprindo o objetivo primordial de um educador, que é o de compartilhar seus conhecimentos, objetivando possibilitar aos alunos desenvolver uma atuação crítica, moral e participativa na sociedade.

## **REFERÊNCIAS:**

- COSSON, R. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- KLEIMAN, A. B. **Alfabetização e Letramento: Implicações para o Ensino**. São Paulo. Parábola Editorial, 2002.
- KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. **O Ensino e a Formação do Professor: Alfabetização de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.
- OLIVEIRA, M. S.; KLEIMAN, A. (Orgs.). **Letramentos Múltiplos: Agentes, Práticas, Representações**. Natal: EDUFERN, 2008.

ROJO, R. **LETRAMENTO ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DOS SABERES OU DE MANEIRAS DE IMPOR O SABER?** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil, 2000.

ROJO, R. **LETRAMENTOS MÚLTIPLOS, ESCOLA E INCLUSÃO SOCIAL.** SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2009.

SOARES, M. **Letramento: Um Tema em Três Gêneros.** Belo Horizonte, Minas Gerais:Autêntica, 1998.

SOARES, M. **O que é Letramento.** In. **Letramento: um tema em três gêneros.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. PP. 13 – 26.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização.** 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VAL, M. G. C. **Redação e Textualidade.** 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VÓVIO, C.L. **Sentidos, Práticas e Identidades Leitoras de Alfabetizadores de Jovens e Adultos.** 2007. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

---